

## MOREIRA CESAR, QUEM FOI QUE TE MATOU?\*

*José Calasans Brandão da Silva*

Ouvi cantar na Bahia:

Moreira César  
Quem foi que te matou?  
Foi a bala dos Canudos  
Que o Conselheiro mandou.<sup>1)</sup>

Trata-se de uma variante, fato muito comum no folclore político. Dissera-se antes, durante a Revolta da Armada, conforme registro de Pedro Calmon:

Pé espalhado  
Quem foi que te espalhou?  
Foi uma bala  
Que o Aquidabã mandou.<sup>2)</sup>

Mais do que variante, todavia, a pergunta sobre a morte do coronel Antonio Moreira César, malgrado comandante da 3ª expedição contra Canudos, representa indagação frequente nos tempos da Guerra de Antonio Conselheiro, ainda agora respondida por uma série de versões conhecidas do povo. O fim trágico do coronel César, aliás, é tema riquíssimo nas estórias e cantigas populares. Aventuro-me mesmo a afirmar, na casa maior da História do Brasil, que nenhuma morte em nosso País provocou maior soma de manifestações de regozijo no ciclo da poética anônima. Ontem – e ainda hoje – a figura de Moreira César sofre terrível condenação na lira do povo. Responsabilizam-no não apenas por violências praticadas durante sua passagem pelos sertões baianos, mas também por todos os atos indefensáveis executados no período do general Artur Oscar. Antonio Moreira César ainda não foi absolvido. Prenuncia-se até

---

\* Comunicação lida no Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, a 20 de junho de 1979.

1) Silva, José Calasans Brandão da. *O ciclo folclórico do Bom Jesus Conselheiro*. Bahia. Tipografia Beneditina Ltda., 1959. p. 72.

2) Calmon, Pedro. *História do Brasil na poesia do povo*. Rio de Janeiro. Editora A Noite, s/d. p. 286.

que seu ódio jamais será perdoado. Assim pensa o cordelista Jota Sara, pseudônimo de José Aras, singular tipo sertanejo, poeta, colecionador de objetos da luta do Belo Monte, perito na cata de veios d'água, ledor de mãos, entendido em grafologia, historiador alicerçado na oralidade sertaneja. São de sua autoria estes versos de sete pés, terrível libelo dos nossos dias contra o temido governador militar de Santa Catarina

Sofria epilepsia  
Era o tipo do Satanás  
Tanto matava na luta  
Quanto matava na paz  
Quando vinha à capital  
Era o espectro do mal  
O medo, feroz e brutal.

Depois de morto, tentou entrar no céu e foi repellido por São Pedro.

Moreira César foi ao céu  
Com Tamarindo ao seu lado  
São Pedro falou assim:  
“Ó que cara de malvado!”  
Tamarindo entristeceu  
São Pedro assim respondeu:  
“Espere mais um bocado.”  
E disse a Moreira César  
Pra seu ódio não há perdão  
Forte orgulhoso no mundo  
Não terás a salvação  
Volte lá para a terra  
Vá cuidar de sua guerra  
No reino da escuridão<sup>(3)</sup>

Há rancor no cordel de Jota Sara, como havia raiva e sarcasmo naquele ABC de 1897, que Euclides da Cunha anotou em sua caderneta de campo.

Lembrança ao Moreira Sésar  
Que o zurubu mandou

---

(3) Sara, Jota. *Meu folclore*. Euclides da Cunha. Bahia. Museu do arraial Bendengó, 1963. 4ª edição. p. 40.

I mandaro perguntá  
Si elle algum dia brigou  
I u q. foi qui hove agora  
Que nos pelado ficou.

José Moreira Sézar  
14 batalhas vencêo  
nas 15 vês ao Bello Monte  
é o zurubu comeo  
sendo elle tão valente  
nem sei pra que morreu<sup>(4)</sup>

Honório Vilanova, jagunço da primeira linha, declarou a Nertan Macedo que tirava uns “versos de cabeça”, também reveladores do pouco caso pelo infortúnio do bravo coronel.

Morreu Moreira César  
Lá no Alto das Favelas  
Foi ficar nas Umburanas  
Ao redor dos canaviais.  
Mas não chupou das canas<sup>(5)</sup>

A tônica é a mesma na versalhada contemporânea, expressa em inúmeras quadrinhas. Mostrarei algumas.

Capitão Moreira César  
Chama-se bota lombriga  
Pois o chumbo é bom purgante  
Pra limpeza da barriga<sup>(6)</sup>

Capitão Moreira César  
Anda de baixo pra riba  
Pois o medo é bom purgante  
Pra limpeza da barriga<sup>(7)</sup>

---

(4) Cunha, Euclides da. Caderneta de campo. Introdução, notas e comentários por Olimpio de Souza Andrade. São Paulo. Editora Cultrix. MCMLXXV. p. 60.

(5) Macedo, Nertran. Memorial de Vilanova. Rio de Janeiro. Edições O Cruzeiro - 1964. p. 138.

(6) Calmon, Pedro. *op . cit.* p. 281.

Capitão Moreira César  
Chama-se corta pescoço  
Veio agora nesta guerra  
Deixar no sertão o osso<sup>(8)</sup>

Coronel Moreira César  
Moradô do rio do su  
Foi dá fogo nos Canudos  
Pra dá carne aos urubus.

Poderia aumentar os exemplos, que são abundantes no cancionero popular, coligidos por Pedro Calmon, Afrânio Peixoto, Geraldo Rocha, Mário de Andrade, além do material que pessoalmente recolhi em Salvador, no Recôncavo baiano, nos sertões da Bahia e de Sergipe. No verso anônimo, César tem poucos adeptos, embora mereça consideração nas obras de alguns menestréis que elaboram folhetos. A seu favor, pelo que sei, provinda de autor desconhecido, apenas uma copla, lembrada pelo mestre Estácio de Lima.

Coronel Moreira César  
Viva nosso brigadeiro!  
Viva o Quinto de Policial!  
Viva o Exército brasileiro!

Muito poucos, evidentemente, ergueram vivas, nas terras calcinadas do sertão, que guardam memória do Bom Jesus Conselheiro e sua gente, àquele amedrontador soldado, de estatura pequena, de incrível força física, que declarou perante os médicos de sua tropa, “nunca sentira dor nem prazer”, considerado pelos conselheiristas como sendo o Anticristo anunciado para o ocaso do século XIX.

O Anticristo nasceu  
Para o Brasil governar  
Mas aí está o Conselheiro

---

(7) Peixoto, Afrânio. *Missangas*. S. Paulo. Cia. Editora Nacional. 1931. p. 58.

(8) Peixoto, Afrânio. *idem*, *idem*

Para dele nos livrar.<sup>(8ª)</sup>

Ponto final por aqui. Não pretendo focar o papel histórico de Moreira César nesta comunicação. Preparo-me para fazê-lo num estudo intitulado “Os últimos dias de Moreira César”, quando falarei de suas origens obscuras, do seu envolvimento no assassinio de Apulco de Castro, no seu degredo mato-grossense, na sua atuação nos dias da República nascente em Sergipe, na Bahia, por ocasião da queda de José Gonçalves, no Rio de Janeiro durante a revolta de Custódio José de Melo, quando dele fala com grande simpatia o criador de Policarpo Quaresma, nos meses tenebrosos do seu governo em Santa Catarina, do seu problemático relacionamento com Floriano Peixoto, da sua preocupação em fortalecer o poder constituído, representado por Prudente de Moraes, do “mal sagrado” de que era portador, da corrida em busca da morte nas margens do Vaza-Barris. Dele falarei, então, procurando ver também os traços positivos de suas atitudes humanas e políticas.

Dito isto, retornarei à pergunta:

*Moreira César, quem foi que te matou?*

Na história oficial, oriunda dos relatórios e depoimentos dos seus camaradas de farda, foi uma bala de Canudos, isto é, de um jagunço do Santo Conselheiro, que atingiu e feriu mortalmente o coronel Antonio Moreira César. Embora as informações sobre o episódio não sejam rigorosamente as mesmas, nenhum militar disse que o projétil partira da tropa por ele comandada. Após o insucesso da expedição, o alferes Avelino Macambira Monte Flores, em carta ao barão de Jeremoabo, escreveu: “Atirávamos para as casas”. Pouco depois chegou o contingente da polícia (baiana) que havia ficado na retaguarda, encarregado dos mortos e feridos das emboscadas. O coronel César entusiasmou-se ao ver a disposição com que vinha tomar parte na ação, e em pessoa a cavalo, foi colocar-se no nosso flanco esquerdo, porém na volta em frente às igrejas foi

---

<sup>(8ª)</sup> Cunha, Euclides. *Os Sertões*. Rio de Janeiro, Francisco Alves. 7ª ed. p. 207

atingido por uma bala. Calmo, se dirigiu para o hospital de sangue, apeou-se e já sem força recolheu-se ao mesmo hospital”.<sup>(9)</sup> O major Rafael Augusto da Cunha Matos, substituto do coronel Moreira César, e Pedro Batista Nunes Tamarindo, no comando da tropa desbaratada em março de 1897, consignou, em parte oficial: “Após os tiros, deu o coronel (Moreira César) ordem para o assalto, ficando ele em uma eminência, do alto de cá, e próximo à artilharia. Os conselheiristas, que atiravam maravilhosamente com carabina vararam o infeliz coronel com uma bala, acidente este que me foi imediatamente comunicado e ao Tamarindo, mas que ocultamos”.<sup>(10)</sup> Euclides da Cunha, que se estribou em artigo publicado no *Jornal do Comércio*, do Rio de Janeiro, menciona dois tiros que alcançaram Moreira César, ficando subentendido que eram de procedência jagunça.<sup>(11)</sup> Tomara chumbo dos jagunços. Há uma trova neste sentido

Coronel Moreira César  
Nó de cana caiana  
Tomou chumbo dos jagunços  
Foi morrer nas Umburanas.<sup>(12)</sup>

Manuel Benício, autor do livro *O Rei dos jagunços*, divulgou uma notícia coligida no povoado baiano de Cumbe, hoje Euclides da Cunha, segundo a qual fora Cajaíba da gente conselheirista o autor do disparo que liquidou Moreira César.<sup>(13)</sup> Desde cedo, contudo, começa a circular que o “corta cabeças” perdera a vida em consequência de uma bala partida propositadamente da arma de um dos seus subordinados. De Tucano, interior da Bahia, um amigo do barão de Jeremoabo contou, com a natural reserva: “Corre aqui com provas evidentes que os coronéis César e Tamarindo foram traídos, os quais foram mortos pelos

---

(9) Dantas Junior. *Recordando Canudos*. Salvador, Bahia, 1961. p. 13

(10) Milton Aristides. “A campanha de Canudos”. *Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro*. Tomos V a XIII - Parte II - p. 78

(11) Cunha, Euclides. *Os Sertões* – 7ª ed. p. 341

(12) Silva, J. C. B. op. cit. p. 70

(13) Benício. Manuel. *O Rei dos Jagunços*. Rio de Janeiro. Tip. do Jornal do Comércio, 1899. p. 214

soldados, a este respeito vi um soldado fazer revelações importantíssimas”.<sup>(14)</sup> A carta de Antero de Cerqueira Galo, que contém a revelação, traz a data de 19 de março de 1897. Moreira César morreria na madrugada de 4 de março. Muitos anos rodados, o historiógrafo e folclorista baiano João da Silva Campos, que andava percorrendo os sertões do seu Estado, dizia, cautelosamente: “sobre a morte de Moreira César correm lendas por aí que me escuso repetir”.<sup>(15)</sup> Os boatos envolviam algumas pessoas tidas e apontadas como mandantes do crime. Nas conversas surgiam nomes de políticos baianos ou familiares de vítimas do coronel em Santa Catarina quando o César Moreira, como também é chamado pelos sertanejos, ali exerceu ditatorial e sangrentamente o poder. Não foi, porém, somente no seio de exaltados republicanos que a estória medrou. No Belo Monte ela era conhecida e divulgada. Manuel Ciriaco, jagunço de boa têmpera, um dos derradeiros sobreviventes da ruína de 97, manifestou-se sem reboço ao escritor Odorico Tavares, em 1947: “Seu moço, esse Moreira César já veio 'encomendado' para morrer. Não foi jagunço que matou ele não. Uma viúva, cujo marido havia sido assassinado por ele, mandou um soldado vingar o finado. Quando Moreira entrou, como um doido, de arraial a dentro, ninguém atirou no homem, de lá não partiu um só tiro. O soldado foi quem aproveitou e tome bala. A história verdadeira é esta e pode ser repetida por toda esta redondeza”.<sup>(16)</sup>

A professora Anfrísia Santiago, criteriosa pesquisadora, ouvira, em Salvador, que D. Alzira de Freitas, viúva do oficial médico Alfredo de Freitas, irmão do jurista e parlamentar José Augusto de Freitas, estivera, de luto fechado na gare da estrada de ferro, por ocasião da partida de Moreira César para Queimadas. Dissera, então, entre lágrimas: “Irás, mas não voltarás”. O esposo fora uma das vítimas do coronel Moreira César, em Santa Catarina. Aquelas palavras teriam

---

(14) Arquivo do barão de Jeremoabo. Fazenda Camuciatá. Itapicuru. Bahia

(15) Campos, João da Silva. “Tradições baianas”. *Revista do Instituto Geográfico e Histórico da Bahia* – Bahia, nº 56 - 1930. p. 436

(16) Tavares, Odorico. *Bahia - Imagens da terra e do povo*. Rio de Janeiro, José Olympo, Editora. 1951. p. 268

sido uma praga ou um anúncio do que ia acontecer? Teria sido D. Alzira de Freitas a viúva mencionada por Manuel Ciriaco?

Se foi impreciação, não teria sido d. Alzira de Freitas a única pessoa a apelar para forças sobrenaturais a fim de exterminar o responsável pelo desaparecimento do seu esposo. Um sacerdote católico, segundo reza a tradição, também contribuiu para o desfecho. Foi o padre Vicente Sabino dos Santos, vigário de Cumbe, em cuja freguesia estava incluído o arraial de Canudos. Padre Sabino, pelo menos até 1895, assistira as gentes do conselheiro, celebrando, batizando, casando conselheiristas. Moreira César ao passar pelo Cumbe, resolveu castigar o ministro de Deus. Na marcha para o Belo Monte fê-lo colocar-se à frente dos soldados, naturalmente para ser vitimado pela jagunçada. Padre Sabino foi salvo por interferência do coronel Tamarindo. Posto em liberdade após tanta humilhação, jurou vingança. Correu para sua igreja convocando os fiéis imediatamente, que surpreendidos tiveram de assistir a um ofício divino. O vigário celebrou missa de corpo presente por Antonio Moreira César<sup>(17)</sup>. Foi tiro e queda. O agoiro pegou. Nenhum vivo sobrevive a uma missa de corpo presente. Uma estória, como tantas outras, do ciclo folclórico de Canudos. Não encontrei o menor indício da violência de Moreira César contra o vigário Sabino. Porém, a “novidade” ainda viceja no sertão.

Como veem, ilustres confrades, há motivos suficientes para o cantor indagar: *Moreira César, quem foi que te matou?*

---

(17) Campos, J. S. *op. Cit.* p. 433